

#44 | JULHO/AGOSTO | 2013

BETAR & ARTES LETRAS

Verão!

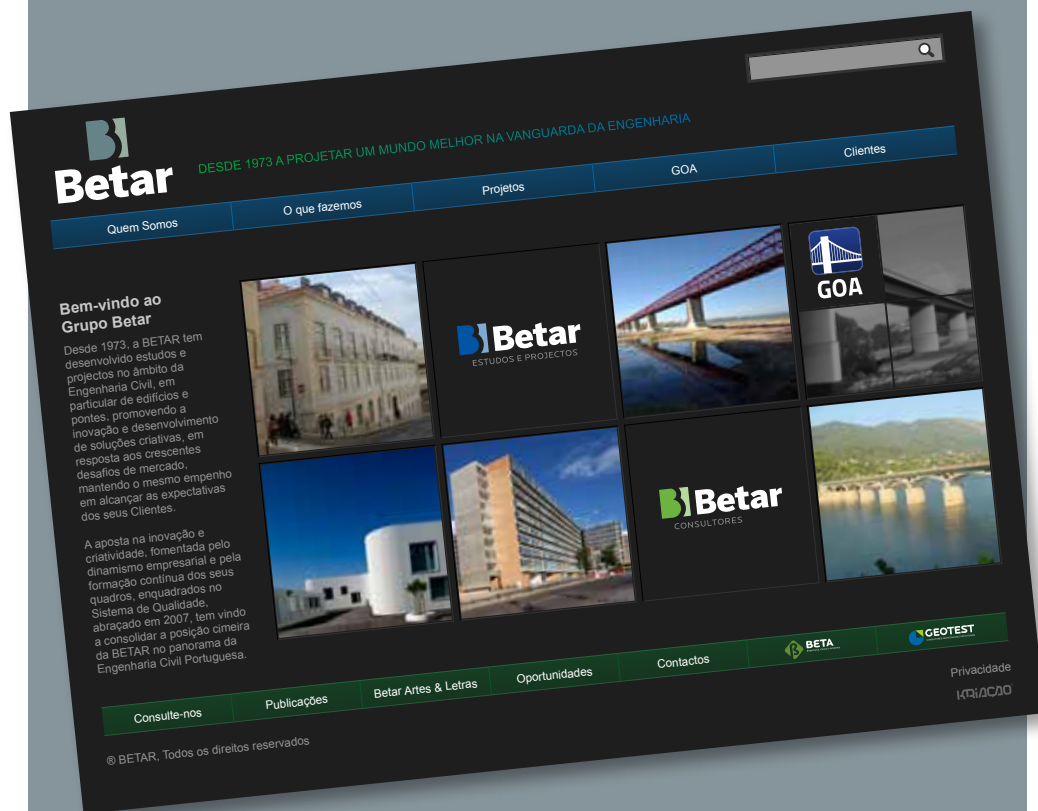
Finalmente chegou a nossa estação preferida

B
Betar

ENTREVISTA
ARQ. MIGUEL
BERGER

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Já não se equaciona um verão sem festivais de música. Como tem vindo a ser habitual, Julho e Agosto são os meses de excelência deste tipo de eventos e este ano há Green Day no Optimus Alive, Arctic Monkeys no Meco, Diana Krall e Maria Gadú em Oeiras, 30 Seconds To Mars no Marés Vivas, Richie Campbell na Zambujeira do Mar e Alabama Shakes em Paredes de Coura.

Mas o verão também não seria a mesma coisa sem o Festival de Almada, que na sua 30ª edição traz a Portugal encenadores como Peter Stein, José Luis Gómez, Luís Miguel Cintra, François Chattot e Emmanuel Demarcy-Mota.

No que toca a exposições, o Espaço Chiado 8, da Culturgest apresenta uma exposição com trabalhos de Lourdes Castro; a Casa da Cerca alberga um conjunto de novos trabalhos de Adriana Molder; a Galeria de Arte Urbana promove uma coletiva de sete artistas em homenagem a Almada Negreiros, que pode ser vista ao caminhar na Calçada da Glória e no Largo da Oliveirinha; e o Atelier-Museu Júlio Pomar disponibiliza ao público parte do seu acervo. Já em Madrid e Paris Pissarro, Manet e Mike Kelley são alguns dos artistas em destaque este verão.

E porque já não se faz Artes&Letras sem um entrevistado, esta edição conta com a colaboração do arquiteto Miguel Berger, a quem muito reconhecemos a recetividade para nos falar um pouco de si e da sua carreira.

MARIA DO CARMO VIEIRA

ENTREVISTA

‘Em Luanda sinto-me em casa. Durante os primeiros dias andava de boca aberta e máquina fotográfica em punho, sensibilizado com os edifícios. Gosto muito de cá estar, a minha vida recomeçou aos 40.’

A experiência internacional do arq. **Miguel Berger**.
Por Cátia Teixeira



Casa no Morelhinho



Pavilhão multidesportivo de Luanda

A Berger Architectos conta com mais de 40 anos de atividade. Como é que tem sido assegurar o legado do seu pai?

Não tem sido fácil pois esse legado vinha associado a uma fasquia muito elevada, e portanto tem sido um esforço e empenho constantes, com fases muito diferentes, com altos e baixos. O meu pai, para além do gosto e da ética profissional, deixou-me também uma forma muito empenhada de trabalhar, cheia de entrega pessoal e envolvimento com o trabalho, que o caracteriza e, naturalmente, que caracteriza aquilo que faz. Mais recentemente, associado à sua atividade docente e dirigente, mas no início da sua vida profissional, associado aos seus projetos. O projeto da Fonte Nova, entre muitos outros episódios, é um dos que não me esqueço e que define um pouco esse legado. Trata-se de um detalhe,

mas o projecto é constituído por duas torres com muitos pisos e o revestimento exterior é em azulejo branco. Claro que não podia ser um azulejo branco qualquer, e foi uma luta que ele ganhou mas não sem sequelas pessoais.

Acha que podia ter tido outro percurso ou a influência que tinha em casa foi demasiado forte e só o podia conduzir à arquitetura?

Não consigo imaginar outro percurso, e de facto tenho bem consciência que se tratou da influência do meu pai.

Recorda alguma história que o tenha ajudado a decidir enveredar por esse caminho?

Não tenho uma história em especial, penso que recordo com gosto muitas. Durante o projeto do Palácio do Correio Mor, em que

uma parte substancial do trabalho do meu pai foi feito na obra, e consequentemente no Palácio, existiram inúmeras ocasiões, desde escavações arqueológicas numa pedreira perto, tardes a desenhar aviões na sala de desenho, passeios pela obra, ou até, as que recordo com mais prazer, como os passeios a cavalo, entre o projeto do picadeiro e o do palácio.

Depreendo que não aprendeu a ser arquiteto apenas na faculdade. Que tipo de conhecimentos e conselhos é que o seu pai lhe transmitiu ao longo da sua formação? E ainda o faz agora?

Trata-se mais de uma influência e não tanto de conhecimento. É-me difícil identificar as formas em que ela se evidencia. Sei que o meu gosto, e o que me comove, têm essa



influência. No entanto esta influência foi mais evidente no início da minha atividade profissional porque hoje também já tenho uma história autónoma. Para mim a enorme influência que ainda sinto por parte do meu pai, tem que ver com a ética. Nesse ponto ele ainda é o meu referencial.

O que é que o levou até Luanda e o que é que o prendeu por lá?

Vim para Luanda substituir um colega, a meu pedido, e porque ele desistiu de ir. Já me encontrava com cada vez menos trabalho e queria ter uma nova oportunidade. Assim que lá cheguei apaixonei-me!

Disse na entrevista à Archinews que andou a tirar fotografias aos edifícios, mesmo estragados, porque ficou entusiasmado com os detalhes. O que é que tanto o fascinou?

Foi uma surpresa grande ter encontrado tantos exemplares de arquitetura dessa época. Durante os primeiros dias andava de boca aberta e máquina fotográfica em punho, agora já se trata de uma paisagem familiar, mas continuo a ficar sensibilizado com alguns edifícios, nomeadamente com o do Ministério das Obras Públicas e da Rádio Nacional, para dar dois exemplos, mas a lista é vasta!

Dos edifícios coloniais construídos pelos portugueses aos impulsionados pelo Movimento Moderno de Le Coubusier, que história lhe conta a arquitetura de Angola? Sente-se em casa a trabalhar em Luanda?

Sinto-me em casa, senti-me querido quando aqui cheguei, gosto muito de cá estar, e gosto muito dos angolanos e angolanas. A minha vida recomeçou aos 40, e para me-

lhor, em muitos aspetos. Quanto à história de Angola, gosto de pensar que a estou a ajudar a construir, com os angolanos.

Também na entrevista à Archinews o seu pai disse que “reabilitar sai mais caro do que construir de novo”. Mas penso que é um imperativo. Lisboa e Porto, por exemplo, são cidades com uma história gravada nos edifícios. Sendo o seu mestrado na área da reabilitação, concorda que é indispensável reabilitar?

Reabilitar é um imperativo, no entanto, com motivações diferentes. Os edifícios com valor particular, por um lado, por outro, os restantes e os espaços onde se encontram, no sentido de os ir adequando às novas formas de estar e viver. O tema é vasto e apaixonante. Não vou conseguir desenvolver em poucas palavras.

Li algures que “Angola é dona de uma cultura secularmente semeada pelo mundo, e agora conta com o investimento estrangeiro. Está em permanente devir. O que foi ontem já não é hoje e o amanhã será com certeza muito diferente”. Considera que está a ser feito um bom trabalho no território atualmente?

A pergunta tem resposta muito difícil. Eu acho que estou a fazer um bom trabalho. Sei que estou a fazer o melhor trabalho que sou capaz, e em muitos aspetos, do melhor que já fui capaz de fazer.

Há algum projeto que considere especial? Ou algum que ambicione muito fazer?

O que não faltam são edifícios que considero especiais. Naturalmente que, para mim, os mais especiais são os que desenhei e consegui ver construídos. Desses, não consigo identificar nenhum em particular, são todos especiais.

Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



A opinião está de volta à Artes & Letras nesta edição de verão. Maria do Carmo Vieira sugere um filme emocionante que não deixa ninguém indiferente. Se ainda não viu, não perca

Michael Haneke

Amour

No momento em que o ecrã ficou totalmente negro, a sala de cinema encontrava-se num silêncio sepulcral e, em mim, instalara-se aquela sensação de murro no estômago.

Falo-vos de Amour, o filme de 2012, realizado por Michael Haneke, que recebeu a Palma de Ouro em Cannes e o Óscar de melhor filme estrangeiro.

O filme retrata os últimos meses da história de um casal de músicos reformados que, de um momento para o outro, se vê privado da pacata harmonia proporcionada por muitos anos de vida em comum. A esposa sofre um AVC que, pouco a pouco, a vai deixando cada vez mais dependente do marido. Este, preso a uma promessa feita no momento do regresso do primeiro internamento hospitalar, cuida dela com abnegação e com uma frieza, por vezes, quase assustadora.

A ação decorre lentamente, ao ritmo dos próprios personagens, interpretados magistralmente por Jean-Louis Trintignant e Emmanuelle Riva, transportando-nos, em grandes planos, para o quotidiano de Georges e Anne, num crescendo de angústia e impotência perante o fim prenunciado.

É doloroso acompanhar a evolução da doença, observar o casal obrigado um conjunto de adaptações forçadas na sua forma de vida, assistir ao de-finhar físico e intelectual de Anne, que fora culta e independente, subentender o seu desejo pela morte, pela libertação de Georges. O seu lamento constante e sincopado, só silenciado pelas doces palavras do marido, à beira do leito, é devastador para o espectador que presencia todo o sofrimento daquela mulher que, conscientemente, não quer viver incapacitada.

Os dois isolam-se, até da própria filha, com a sua vida preenchida, muito insistente na incapacidade do pai em cuidar da mãe, até ao momento do confronto com a dura verdade contida nas palavras do progenitor: “...se não for eu, és tu quem vai cuidar dela?”

O ambiente opressivo do cenário daquela casa adensa-se até ao final: o pombo que entrou pela janela aberta e esvoaça pelo corredor, enquanto Georges o persegue no seu lento coxear, uma carta escrita em jeito de despedida, a preparação de algo que se intui como o atingir de um limite para ambos.

A música de Schubert e Beethoven envolve-nos nas duas horas de fortes emoções proporcionadas pela simplicidade de um argumento que se revela muito mais complexo e exigente em cada cena, em cada plano, em cada expressão dos protagonistas. Qualquer um de nós se poderá rever nesta história, nesta realidade ficcionada, tão imensamente perturbadora.



Camille Claudel e Lore contam as histórias de duas mulheres. Uma, dada como louca, debate-se num manicómio, a outra, que teve uma educação nazi, é confrontada com a amizade de um judeu



Camille Claudel

Um drama biográfico sobre a escultora

Paris, início do século XX. A jovem escultora Camille Claudel (Juliette Binoche) entra em conflito com a família burguesa ao tornar-se assistente do já célebre Auguste Rodin. Quando se transforma em amante do mestre, cai em desgraça junto à sociedade parisiense. Depois de vários anos de um relacionamento tortuoso, Camille rompe a ligação, mergulhando cada vez mais na solidão e na loucura.

De: Bruno Dumont
Com: Juliette Binoche, Emmanuel Kauffman, Jean-Luc Vincent
Género: Drama, Biografia
França, 2012, 95 min

Em 1913, por decisão do seu irmão, o famoso escritor Paul Claudel, é internada num manicómio. Porém, por mais que Camille tente convencer todos à sua volta que aquele lugar apenas piora o seu estado e que, ao afastar-se da arte, se aproxima cada vez mais da loucura, nada os parece demover. Ali, isolada do mundo e impedida de se expressar através da escultura, aquela mulher viverá três décadas, até falecer, em 1943.



Lore

Baseado na obra ‘The Dark Room’, de Rachel Seiffert

Alemanha, Maio de 1945. Com a morte de Hitler e a invasão do exército aliado, a queda do III Reich é iminente. Lore (Saskia Rosendahl) é uma rapariga alemã que cresceu feliz, segundo os princípios nazis. Quando os progenitores são presos, ela e os três irmãos são obrigados a atravessar um país devastado pela guerra, em direcção à casa da avó materna. O seu destino vai cruzar-se com o de Thomas (Kai-Peter

De: Cate Shortland
Com: Saskia Rosendahl, Nele Trebs, Ursina Lardi
Género: Drama
Alemanha, 2012, 109 min

Malina), um jovem judeu sobrevivente a Auschwitz, que a acompanhará durante o percurso. Assim, devido a uma súbita mudança de circunstâncias, Lore vai ter de aprender a confiar em alguém que toda a vida foi ensinada a desprezar. Pelo caminho, ao mesmo tempo que vai descobrindo a verdade sobre a família e o regime onde foi educada, vai também aprender os segredos do amor e do desejo.

O que seria o verão e sem os insubstituíveis festivais de música? A tradição mantém-se há anos e em 2013 a qualidade não desce. Saiba quais são os nomes mais sonantes e divirta-se



Optimus Alive

Passeio Marítimo de Algés. De 12 a 14 Julho

Considerado há cinco anos consecutivos pelo “NME” um dos 12 melhores festivais de música que se realizam na Europa, o Optimus Alive conta já com 7 edições. Este ano, os grandes cabeças de cartaz do dia 12 são os Green Day, mas também podemos contar com Two Door Cinema Club, Vampire Weekend e Jessie Ware. No dia 13, destaque para Depeche Mode e Editors e no dia 14 o palco principal recebe Kings of Leon.



Edp Cool Jazz Fest

Oeiras. Dias 4, 5, 21, 24, 25, 26 e 27 Julho

Se já em anos anteriores o Edp Cool Jazz Fest conseguiu impressionar, este ano as expectativas foram superadas. No cartaz do festival podem ler-se os nomes de Ana Moura e Luisa Sobral no dia 4, Djavan e Maria Gadú no dia 5, Lee Fields e Escort no dia 21, Diana Krall no dia 24, Rufus Wainwright no dia 25, Jamie Cullum no dia 26 e John Legend no dia 27. Sem dúvida um evento a registar na agenda!



Super Bock Super Rock

Meco. De 18 a 20 Julho

O Super Bock Super Rock já vai na 19ª edição e continua a trazer ao Meco grandes nomes da música internacional. Organizado desde 1995, é hoje um dos mais importantes festivais portugueses. No dia 18 o grande destaque vai para os Arctic Monkeys, no dia 19 é a vez de The Killers e Kaiser Chiefs e no dia 20 o nome mais sonante é Queens Of The Stone Age. Entre estes estão muitos outros nomes, distribuídos pelos 3 palcos.



Marés Vivas

Gaia. Dias 18, 19 e 20 Julho

A primeira confirmação para o festival Marés Vivas prometeu grande afluência em direção à foz do Douro: 30 Seconds To Mars. Mas o cartaz não se esgota aqui. A edição deste ano conta com The Smashing Pumpkins, Bush, Beware of the Darkness We Trust no dia 18, David Guetta, La Roux, James Morrison e Orelha Negra no dia 19, e 30 Seconds to Mars, Rui Veloso, Klaxons e Virgem Suta no encerramento.



Meo Sudoeste

Zambujeira do Mar. De 7 a 11 Agosto

Reggae, Hip-hop, Dj's... Vai haver grande variedade de sons nos os palcos do Meo Sudoeste deste ano. À primeira vista sobressaem Avicii, no dia 7, Pitbull, Soja e Richie Campbell no dia 8, Fat Boy Slim e Pete Tha Zouk no dia 9, Calvin Harris, Cee Lo Green, Mind a Gap e Kika no dia 10 e Snoop Lion e Orelha Negra do dia 11. Mas o cartaz tem muito mais para apresentar. Consulte-o no site do festival.



Vodafone Paredes de Coura

Praia Fluvial do Tabuão. De 13 a 17 Agosto

Paredes de Coura volta a apresentar um bom festival em 2013. No dia 14 o ritmo é dado pelos Alabama Shakes, Bombino e Unknown Mortal Orchestra no dia 15 The Knife, Everything Everything, Hot Chip, John Talabot, Little Boots e The 2 Bears no dia 16 The Kills, Toy, Iceage, De-lorean, Citizens! e The Vaccines e no dia 17 Justice (DJ Set), Belle and Sebastian, Palma Violets, Calexico e Phosphorescent.

E o verão também não seria a mesma coisa sem o sempre fantástico Festival de Almada que celebra este ano o 30º aniversário. Veja o programa desta edição que apresenta uma qualidade inigualável



Festival de Almada

De 4 a 18 de Julho

Com uma homenagem muito sentida ao mestre Joaquim Benite, o fundador do evento, que faleceu no último ano, a 30ª edição do Festival de Almada conta com grandes encenadores como Peter Stein, José Luis Gómez, Luís Miguel Cintra, François Chattot e Emmanuel Demarcy-Mota e dramaturgos

incomparáveis como Ibsen, Strindberg, Beckett ou Voltaire.

A programação que inclui 18 produções estrangeiras e nove portuguesas (seis das quais em estreia) apresenta espetáculos oriundos de Espanha, França, Itália, Áustria, Grécia, Irlanda, Eslovénia, Croácia, Argentina, Suécia, Finlândia, Noruega e Dinamarca.

Programa

DIA 4: **Maldito seja o traidor da sua pátria!** De Oliver Frljic, Dramaturgia de Borut Šeparovic e Tomaž Toporišic, na Escola D. António Costa

DIA 5: **Cortar a meta** De Miika Nousiainen, Encenação de Minna Leino, no Fórum Romeu Correia

DE 5 A 14: **i.b.s.e.n.** De Miguel Castro Caldas, Encenação de Cristina Carvalhal, no Teatro da Trindade

DIA 6: **Mulher, conhece o teu corpo** Dramaturgia e encenação de Kamilla Wargo Brekling, no Fórum Romeu Correia; Victor, ou as crianças ao poder De Roger Vitrac, Encenação de Emmanuel Demarcy-Mota, no Teatro Joaquim Benite; O Sr. Ibrahim e as flores do Corão De Eric-Emmanuel Schmitt, Encenação de Miguel Seabra, na Escola D. António Costa

DE 6 A 9: **Sala VIP** De Jorge Silva Melo, Encenação de Pedro Gil, na Culturgest

DIA 7: **Mulheres de Ibsen** Engaiolar uma água De Henrik Ibsen, Encenação de Juni, no Fórum Romeu Correia

DIA 8: **O Papalagui** De Eric Scheuermann, Encenação de Hassane Kassi Kouyaté no Teatro Joaquim Benite; País natal De Dimítris Dimitriádis, Encenação de Dimítris Daskas e Pierre-Marie Poirier, na Escola D. António Costa

DIA 9: **O sorriso eterno** De Pär Fabian Lagerkvist, Encenação de Fredrik Hannestad, no Fórum Romeu Correia; Ai amor sem pés nem cabeça Encenação de Luis Miguel Cintra Teatro Joaquim Benite

DE 9 A 14: **Noites brancas** De Mónica Calle, Paula Diogo e Sofia Dinger, no Teatro Maria Matos

DIA 10: **O prémio** Martin De Eugène Labiche,

Encenação de Peter Stein, no Teatro Nacional D. Maria II; A última gravação de Krapp De Samuel Beckett, Encenação de Peter Stein, na Escola D. António Costa

DE 10 A 18: **Cada sopro** De Benedict Andrews, Encenação de John Romão e Paulo Castro, no Teatro Politécnica

DIA 11: **A menina Júlia** De August Strindberg, Encenação de Anna Petterson, no Fórum Romeu Correia

DIA 13: **O principezinho** De Antoine de Saint-Exupéry, Encenação de Roberto Ciulli, na Escola D. António Costa

DIA 14: **História de um coração partido** De Saara Turunen, no Fórum Romeu Correia; Candide De Leonard Bernstein, Libreto de Hugh Wheeler, Direção musical de João Paulo Santos, na Escola D. António Costa

DIA 15: **A linha amarela** De Juli Zeh e Charlotte Roos, Encenação de Ivica Buljan, na Escola D. António Costa

DIA 16: **Macadamia Nut Brittle**, no Fórum Romeu Correia

DIAS 16 E 17: **O pelicano** De August Strindberg, Encenação de Rogério, no Teatro Joaquim Benite

DIAS 16, 17 E 18: **Heroína** De Grace Dyas, na Culturgest; E se nos metêssemos ao barulho?! Criação coletiva de François Chattot, Jean-Louis Hourdin, Christian Jehanin e Martine Schambacher com a cumplicidade de Benoît Lambert, no Pátio Prior do Crato

DIA 17: **O vento num violino** De Claudio Tolcachir, na Escola D. António Costa

DIAS 17 E 18: **A laugh to cry** Composição e libreto de Miguel Azguime, Encenação de Paula Azguime, no São Luiz

Dia 18: **Sonho de uma noite de Verão** De Felix Mendelssohn –Bartholdy, Direção Musical de Pedro Neves, na Escola D. António Costa

Este é o mês de Almada. No âmbito do festival de teatro da cidade, está patente a exposição “Dodecaedro” e Almada Negreiros é homenageado na mostra “Almada por Se7e”

ESPAÇO CHIADO 8, CULTURGEST

À Distância Linha de Horizonte

Até 26 de Julho

Da singular e multifacetada obra que Lourdes Castro tem vindo a construir, desde meados da década de 50, sobressai uma clara tendência para a economia de meios e gestos. Não será por acaso que alguns dos mais contundentes exemplos desta situação tenham surgido no âmbito do interesse que a artista desde cedo dedicou à sombra enquanto fenómeno. Seja no recurso a serigrafias, plexíglas ou panos, a concretização material deste envolvimento de Lourdes Castro com a poética da sombra passou sempre por uma parcimoniosa gestão das suas dimensões concreta e metafórica, num processo que teve uma das suas mais brilhantes concretizações no Teatro de Sombras que a artista desenvolveu, em parceria com Manuel Zimbro, no final da década de 60. Nesta mostra, Lourdes Castro revisita precisamente o Teatro de Sombras, reconduzindo e ampliando a sua intenção original.



CASA DA CERCA

Dodecaedro de Adriana Molder

Até 15 de Setembro

Esta exposição, realizada no âmbito do 30.º Festival de Teatro de Almada, é um conjunto de novos trabalhos de Adriana Molder constituído por 12 desenhos sobre papel de aguarela. Na nova série da artista, a cor parece intrometer-se, lentamente e ao mesmo tempo de uma maneira muito evidente. Às imagens fotográficas, ligadas ao cinema, habitualmente usadas pela artista como inesgotável fonte, veio juntar-se um particular apetite pelo trabalho de Picabia. São 12 faces, 12 rostos femininos, que parecem evidenciar-se e pertencerem a personagens “bigger than life”, nos seus mais variados momentos, emoções e desordens são-nos estranhamente familiares. Como se de um único objeto se tratasse e todos os motivos fossem um só: o rosto feminino. Adriana Molder nasceu em Lisboa em 1975 e expõe regularmente desde 2002, estando representada em várias coleções públicas e privadas, em Portugal e no estrangeiro.



GALERIA DE ARTE URBANA

Almada por Se7e

Até 30 de Setembro

“Almada por Se7e” é uma coletiva que integra as comemorações dos 120 anos do nascimento de Almada Negreiros, que pode ser vista nas paredes da Galeria de Arte Urbana, ao caminhar na Calçada da Glória e no Largo da Oliveirinha. Os sete artistas que aceitaram o desafio de criar painéis inspirados na obra artística de Almada Negreiros foram: Fidel Évora, João Samina, Mário Belém, Miguel Januário, Pantónio, Pedro Batista e Tamara Alves, aos quais foi atribuído uma área, um género ou um registo que o artista trabalhou - os Arlequins, Columbinas e Pierrots ou, por exemplo, a abstracção geométrica. Para além da exposição, do programa das comemorações que terão lugar este ano destacam-se várias iniciativas de que fazem parte outras mostras, reedições, espetáculos teatrais, tertúlias e colóquios que englobam uma multiplicidade de artistas de áreas distintas.

ATELIER-MUSEU JÚLIO POMAR

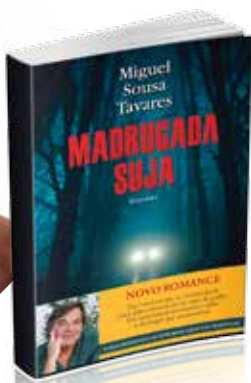
Em torno do Acervo

Até 29 de Setembro

A exposição inaugural do Atelier-Museu Júlio Pomar mostra parte do seu acervo. O antigo armazém que, em 2000, se iria tornar o atelier de Júlio Pomar, afinal transformou-se num Atelier-Museu. Nesta exposição inaugural, pelas paredes em jeito de “cabinet d’amateur”, estão algumas das obras pertencentes ao acervo, outras emprestadas por instituições por serem consideradas fundamentais no percurso de Pomar. “Em torno do Acervo” apresenta-se com quatro núcleos fundamentais que ajudam o visitante a perceber vários períodos do autor e a estabelecer relações. O acervo do Atelier-Museu contém centenas de peças, doadas pelo artista à Fundação Júlio Pomar, em vários suportes: pintura, escultura, desenho, gravura, cerâmica, colagens e assemblage. O edifício, recuperado pelo arquitecto Siza Vieira, é um antigo armazém do século XVII, composto por dois pisos.



Numa altura em que atravessamos uma crise de identidade, é importante destacar o que de bom se faz em Portugal. Dois autores nacionais de renome estão em destaque na Artes&Letras



Miguel Sousa Tavares *Madrugada Suja*

Anova obra de Miguel Sousa Tavares apresenta três histórias que se cruzam desde uma aldeia deserta até ao topo do poder. No princípio, há uma madrugada suja: uma noite de álcool de estudantes que acaba num pesadelo que vai perseguir os seus protagonistas durante anos.

Depois, há uma aldeia do interior alentejano que se vai despovoando aos poucos, até restar apenas um avô e um neto. Filipe, o neto, parte para o mundo sem esquecer a sua aldeia e tudo o que lá aprendeu. As circunstâncias do seu trabalho levam-no a tropeçar num caso de corrupção política, que vai da base até ao topo. Ele enreda-se na trama, ao mesmo tempo que esta se confunde com o seu passado esquecido.

Intercaladamente, e através de várias vozes narrativas, seguimos o destino dessa aldeia e em simultâneo o dos protagonistas daquela madrugada suja e daquela intriga política. Até que o final do dia e o raio verde venham pôr em ordem o caos aparente. Um surpreendente romance sobre o Portugal que construímos.

Um romance sem heróis que fala sobre os acasos da vida e a corrupção política, do Alentejo da Reforma Agrária até hoje. Um retrato impiedoso do nosso passado recente, descrito num livro que se devora sem admitir interrupções.



João Tordo *Anatomia dos Mártires*

Anatomia dos Mártires é a história de uma obsessão verdadeira transformada em ficção - a de uma investigação contemporânea (e original) sobre o mito de Catarina Eufémia - e também a tentativa de reconciliação de um escritor nascido imediatamente após a Revolução de Abril com o passado. Um jornalista insensato e ambicioso quer provar ao seu editor - um comunista irascível, alcoólico e com bastante desprezo pelos jovens - que não é só mais um na redação. Escolhido para ir a Berlim entrevistar o biógrafo de um mártir religioso, aproveita a deixa para fazer, no seu artigo, uma analogia com a história de Catarina Eufémia, a camponesa que se tornou um ícone do Partido Comunista, mas de quem, na verdade, pouco ou nada

sabe. Quando, porém, o artigo é publicado, as reacções de indignação por parte dos leitores não se fazem esperar, algumas das quais bastante ameaçadoras; e, na noite em que o editor é encontrado na rua em coma, aparentemente brutalizado, o jornalista pergunta-se se não terá sido por defender publicamente o seu artigo e começa a suspeitar de que existe muito mais em jogo do que a simples memória de uma camponesa assassinada pela GNR durante a ditadura. É então que decide investigar obsessivamente a vida de Catarina, desbravando por entre o nevoeiro que paira sobre os mártires e os transforma em mitos de que sempre alguém se apodera. E encontra realidades bem distintas - e mais tenebrosas - do que podia esperar.

Madrid e Paris são duas belas cidades que têm sempre as portas abertas à cultura. Pissarro, Manet e Mike Kelley são alguns dos artistas em destaque este verão. Mostras a não perder



Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Pissarro

Até 15 de Setembro

Esta mostra acerca da obra do pintor impressionista Camille Pissarro (1830-1903), que inclui 80 obras emprestadas por museus e colecionadores de todo o mundo, centra-se na paisagem, um género que dominou a sua produção artística, com uma viagem cronológica através dos lugares onde o pintor viveu e trabalhou. Com curadoria de Guillermo Solana e comissariada por Paula Luengo, a exposição é apresentada pela primeira vez em Madrid, no Thyssen-Bornemisza e, a partir de 15 de Outubro, no CaixaForum de Barcelona.

Museu d'Orsay, Paris

Manet. Regresso a Veneza

Até 25 de Agosto

Esta mostra vem preencher uma lacuna no que respeita à exposição da obra de Manet, uma vez que permite um retorno às origens italianas do artista, ao impacto artístico das suas viagens na península e o seu constante desejo de enfrentar os mestres transalpinos. Serve para compreender as razões e os efeitos do “retorno” de Manet a Veneza, em 1874, uma cidade que havia descoberto 20 anos antes. A mostra permite considerar tanto o início do seu trabalho como um aspeto pouco conhecido na arte do artista, que é a influência italiana.



Centro Pompidou, Paris

Mike Kelley

Até 5 de Agosto

O Centro Pompidou apresenta a primeira retrospectiva francesa dedicada à obra de Mike Kelley através de uma viagem de uma centena de obras realizadas entre 1974 e 2011. Na obra do artista norte-americano o som está omnipresente uma vez que se baseia em objetos com formas básicas, feitos de materiais comuns, (como tubos e cones), que atuam como mensageiros, amplificadores ou decodificadores de sons. Este interesse pela cultura da música também é encontrado na evocação da banda de punk rock que Mike Kelley fundou, em 1977, com Tony Oursler.

Chegou o verão: toca a visitar...
o Porto, claro!
Por Maria João Duarte

Música, Teatro e Dança

SERRALVES: “Jazz no Parque”, José Menezes-100 Umbrellas (14jul); Nelson Cascais-Mingus Project (21jul); Carlos Bica-Trio Azul (28jul). **CASA DA MÚSICA:** em julho: “Buika”, Flamengo, jazz, soul e blues (7); Cuca Roseta (11); “Claudia Madur”, fado (12); “Dear Telephone” composições frugais, indie rock e electrónica (13); “SONÓPOLIS”, festa multicultural, entrada livre (14); Luís Marques, guitarra portuguesa (16); Amadou & Mariam, do Mali, world music (16); Karina, samba (18); “Bamba Social” músicos portuenses tocam clássicos brasileiros, chorinho (19); “Naco”, do baixista Miguel Ramos (20), “Asif Ali Khan” música paquistanesa ligada à tradição sufi. (24); “Kimi Djabaté” a tradição mandinga da Guiné Bissau na voz, guitarra e balafon (26); “papercutz”, pop/electrónica (27), “Fim-de-Semana EDP / Encontro de Bandas Filarmónicas (27 e 28); em agosto: “Devendra Banhart” (2); “Swinging Rabbits”, as décadas de 60 a 80 filtradas pela música negra e pop electrónica (3 ago). Devendra Banhart norte-americano com o álbum “Mala” (2 ago). **COLISEU:** Gal Costa (10jul), “A Flauta Mágica” de Mozart (27 e 28). “Porto Sunday Sessions”: aos domingos às 16h (até 29set) no **PASSEIO ALEGRE**, em julho, e no **JARDIM DE S. LÁZARO**, em agosto. **RIVOLI:** Dance Academy: “A Sinfonia do Amor”.

E ainda

“Férias de Verão em Serralves”: 6 aos 9 anos (1jul a 30 ago). **TEATRO CARLOS ALBERTO:** “Oficina Verão no Teatro” em julho (6/8 anos: 15 a 19, 9/12: 22 a 26). **SERRALVES:** “Há vida no Parque! - Líquenes” (13 e 14jul); “Serralves ao Luar” (20jul 21h30 -7€). “Baixa em Forma”, Animação desportiva gratuita Pç. D. João I (sab. manhã até 27 ago)

Exposições

GALERIA 111: Pedro Vaz “Laurissilva”, a “paisagem primitiva ou espaço virgem” (até 31jul). **GALERIA OLGA SANTO:** “Summer Travelling”, fotografia (até 31jul), “Colectiv’Arte” (até 31 ago). **SERRALVES:** Alexandre Estrela - Meio Concreto (até 29 set); “Coleção de Serralves - Forma Conceptual e Ações Materiais”; visitas guiadas: 4 jul e 11 jul (12 jul a 29 set); “Mel Bochner: Se a Cor Muda” (até 27 out). **PARQUE DE SERRALVES:** “Paisagem com vida”, a história do Parque (até 29 set). **CASA ANDERSEN, JARDIM BOTÂNICO:** “Animais de Museu” exposição organizada pela Universidade do Porto com mais de 100 exemplares taxidermizados vindos de todos os continentes (até 18 nov). **MUSEU NACIONAL SOARES DOS REIS:** “Peça a Peça - O Centro de Arte Contemporânea e as Coleções do Museu” (até 31 ago).

À descoberta do porto

O Porto e a região do Douro aparecem 1º lugar na lista dos 10 melhores destinos europeus para férias em 2013 eleitos pela Lonely Planet, que destaca as galerias da R. Miguel Bombarda, a Casa da Música o hotel “The Yeatman”, o restaurante DOP do chef Rui Paula e explica que a cidade é atualmente uma vibrante capital das artes. Aproveite portanto o verão para conhecer melhor a cidade. Na Faculdade de Belas Artes pode, 6ªf 5/7 e 2/8, deambular “Entre os Edifícios e as Esculturas da FBAUP” Inscrições: cgarra-das@fba.up.pt. Ou então, siga as “Rotas dos Museus-Ciclo Verão” (às 4ªf, 15h até 31jul) Gratuito, Inscrição: martaortigaosampaio@cm-porto.pt. Os temas PORTO, ARTE e CIÊNCIA desdobram-se em 9 rotas, cada uma integrando 3 visitas temáticas a museus.



**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. MIGUEL BERGER
CASA NO MORELINHO**



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**